

Autoclítico na proposta de B. F. Skinner para o Comportamento Verbal

Autoclitic in B. F. Skinner's proposal for Verbal behavior

 GABRIEL SPATAFORA¹

 NILZA MICHELETTO¹

¹ PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Resumo

Skinner (1992) realizou uma classificação do comportamento verbal, propondo operantes primários (mando, tato, ecoico, intraverbal, textual, transcrição) e indicou o autoclítico como secundário. Segundo Skinner, o autoclítico teria a função de modificar o efeito dos operantes primários, tornando-os mais efetivos na alteração do comportamento do ouvinte, conforme especificidades da interação, ocorrendo obrigatoriamente em conjunto com a composição, que envolveria a emissão de respostas verbais novas. O presente trabalho teve como objetivo apresentar aspectos centrais da definição do autoclítico e as classificações em diferentes tipos, proposta no livro *Comportamento Verbal*. Apresentamos aspectos indicados por Skinner para definir o conceito e descrições e classificações dos autoclíticos em diferentes tipos: descritivo, qualificativo, quantitativo e relacional. Destacamos a distinção de parâmetros da classificação de Skinner; para os operantes primários a classificação é feita por meio da análise da estimulação antecedente e consequente, para cada tipo de autoclítico é classificado em relação à maneira pela qual modifica ou especifica o efeito do operante primário. A partir das análises, evidencia-se a necessidade de ampliação de investigações teóricas, básicas e aplicadas sobre o comportamento autoclítico tanto em relação ao esclarecimento do conceito, como sobre variáveis que favorecem a aquisição do autoclítico, como das formas de controle que permitem que ele altere os operantes primários.

Palavras-chave: autoclítico, gramática, composição, análise do comportamento, comportamento verbal.

Abstract

Skinner (1992) proposed a classification of verbal behavior, in which there are primary verbal operants (mand, tact, echoic, intraverbal, textual, transcription), and assigned the autoclitic as a secondary verbal operant. As stated by Skinner, the autoclitic exerts the function of modifying the effect of primary operants, making them more effective in changing the listener's behavior, according to the specificities of the interaction, occurring alongside with composition, which involves the emission of novel verbal responses. The objective of this paper is to present the central aspects of the definition and the different types of autoclitics proposed by the book "Verbal Behavior". We present the aspects indicated by Skinner to define the concept, descriptions and classification of the autoclitic, with their different types: descriptive, qualitative, quantitative and relational. We highlight the distinction of parameters that guide Skinner's classification of the primary operants, which is made through the analysis of the antecedent and consequent stimulation. The classification of each type of autoclitic is made through the analysis of the way through which it modifies or specifies the effect of the primary operants. Through this analysis, it is made clear the need of amplification of theoretical, basic, and applied investigation of the autoclitic behavior, in order to clarify the concept and to shed new light on the variables that favor the acquisition of the autoclitic as well as the forms of control that allow it to alter primary operants.

Keywords: autoclitic, grammar, composition, behavior analysis, verbal behavior.

Nota: Gabriel Spatafora realizou este trabalho com apoio de Bolsa Emergencial de Mestrado da Fundação São Paulo (FUNDASP).

 spataforagabriel@gmail.com

DOI: [HTTP://DX.DOI.ORG/10.18542/REBAC.V20I0.16417](http://dx.doi.org/10.18542/REBAC.V20I0.16417)

Ao longo da evolução humana, segundo Skinner (1986), algumas das primeiras contingências sociais relacionadas à aquisição de novos comportamentos foram as de imitação e modelação, nas quais o organismo que imita o modelo não precisa passar pelo custoso processo de modelagem para adquirir uma nova resposta. Com o passar do tempo, as interações sociais entre os humanos foram se complexificando e passaram a contar com um maior número de recursos para o controle do comportamento do outro. Em algumas espécies, como em cachorros, macacos, aves, veados e suínos, respostas vocais simples permitem controlar respostas dos outros organismos do grupo como, por exemplo, um sinal de alerta frente a eventos ambientais, tal como a presença de predadores.

Seres humanos (*Homo Sapiens*), diferentemente das espécies citadas, são considerados hominídeos, pertencentes a uma “*família grande e particularmente ruidosa chamada grandes primatas*” (Harari, 2012/2018, p. 18). Dada nossa ancestralidade evolutiva, é razoável considerar que nossas respostas vocais partiram evolutivamente de um ponto similar àquelas sinalizações vocais que podemos ver em outras espécies. Porém, nossa musculatura vocal, em algum momento de nossa evolução, ficou sob controle operante e houve um aumento da variedade de sons emitidos pela espécie. É possível, portanto, atribuir as particularidades vocais da nossa espécie a esta variação inicial (Skinner, 1986).

Certamente esta mudança ocorreu de forma gradual e lenta, possibilitando a emergência do que hoje chamamos de “cultura”, ou em referência a história da nossa espécie de “revolução cognitiva”. Harari (2012/2018) utilizou o termo e elencou habilidades desenvolvidas nesta transformação, como a habilidade de “transferir” informações sobre o mundo que permitiu o planejamento de ações complexas envolvidas na sobrevivência, como a caça. Ele destacou também a capacidade de transmitir informações sobre relações, laços sociais e sobre coisas que não existem em matéria palpável, que permitiram a coesão de grupos maiores.

Sob a ótica do Behaviorismo Radical, o comportamento verbal tem uma série de vantagens, como o baixo custo de resposta (ao ser comparado com comportamentos motores não verbais) e a efetividade no controle do comportamento de seres da mesma espécie (Skinner, 1986). Ele permite também ao ouvinte ficar sob controle de um aspecto do ambiente que não controlava seu comportamento antes da resposta verbal do falante. Neste sentido, este repertório amplia o ambiente do ouvinte e amplia o poder de ação do falante, com auxílio do ouvinte (Skinner, 1974).

Este tipo de comportamento frequentemente (e talvez até poderíamos dizer primordialmente, sob o prisma evolutivo) é vocal, o que o isenta de uma série de limitações mecânicas e espaciais que restringem comportamentos não verbais (Skinner, 1974). No caso da escrita, por exemplo, há isenção de limitações temporais, o que permite que um indivíduo emita respostas verbais que podem exercer controle sobre outros seres humanos (que venham a ficar sob controle do que está escrito) até que o registro escrito se perca (Skinner, 1992).

O comportamento verbal se distingue das outras formas de comportamento operante não verbal que podemos observar na natureza e em laboratório com animais não humanos, pois a resposta é reforçada pela ação de um ouvinte. Sendo assim, as contingências que mantêm este tipo de comportamento são invariavelmente sociais. Para que o reforçador seja disponibilizado ao falante, a sua resposta verbal deve ser específica o suficiente para controlar a resposta do ouvinte de forma que produza a consequência selecionadora do comportamento do falante. Não movemos objetos com nossa fala ou escrita, mas podemos controlar o comportamento de outros seres humanos (que podem mover objetos em função do que falamos ou escrevemos), caso estas pessoas tenham sido ensinadas a agir como ouvinte por outros membros da comunidade verbal, como afirma Skinner (1987), quando suas respostas foram “modeladas e mantidas por um ambiente verbal transmitido de uma geração para outra” (p. 89).

A análise de Skinner do comportamento verbal não é a mesma da gramática e linguística tradicional, apesar de eventualmente haver alguns termos destas perspectivas em seus textos. Como comportamento operante, o verbal tem efeitos sobre o ambiente que, por sua vez, retroagem sobre o organismo. Para Skinner, a análise está voltada para esclarecer esta relação. Ele analisa não só a forma, mas principalmente a função do comportamento, dando condições de previsão e controle do comportamento. Ele toma como base de sua análise uma “unidade funcional” (Skinner, 1992).

Segundo Moore (2000), a unidade funcional não corresponde necessariamente àquilo que conhecemos como palavras, orações, frases, morfemas e assim por diante. Encontramos a unidade funcional do comportamento verbal na tríplice contingência que descreve as condições ambientais relacionadas à emissão da resposta verbal – as condições antecedentes e as consequências mediadas pelo ouvinte.

A partir deste tipo de análise funcional (em que a resposta verbal é compreendida por meio da análise das contingências de reforçamento), Skinner (1992) identificou diferentes tipos de operantes verbais, chamados de operantes primários, que foram classificados em seis diferentes tipos: mando, tato, ecóico, textual, transcrição e intraverbal. Estes operantes são diferenciados a partir das condições de controle pela sua estimulação antecedente e pelas consequências produzidas pelo ouvinte.

No *mando*, a resposta verbal está sob controle de condições motivacionais (como alguma privação ou estimulação aversiva). A resposta de mando comumente especifica o reforçador. E a consequência que reforça a resposta é a atenuação das condições motivacionais antecedentes (Ex: um copo de água para um falante privado de água) ou retirada de um estímulo aversivo. O mando é um operante chave para sustentar a afirmação de que o falante expande seu poder de ação sobre o mundo graças à ajuda do ouvinte. Neste caso, o ouvinte devidamente ensinado fornece a consequência requerida pela resposta verbal através de seu poder de ação sobre o mundo.

No *tato*, a resposta verbal está sob controle de um estímulo específico não verbal e a resposta “menciona”, “nomeia”, ou “descreve seu estímulo antecedente”. O comportamento é estabelecido por reforçadores condicionados generalizados ou muitos reforçadores diferentes. Este operante é crucial quando dizemos que o falante pode expandir o ambiente do ouvinte, que agora tem uma possibilidade de controle adicional sobre o mundo, fornecida através da resposta verbal do falante.

O restante dos operantes verbais primários são mantidos por reforço social condicionado generalizado ou vários tipos de reforçadores, como no *tato*, mas tem sua estimulação antecedente advinda de estímulos verbais. O *ecóico* é controlado por uma outra resposta verbal vocal e a resposta ecóica é semelhante (apresenta correspondência formal e ponto a ponto) ao seu estímulo discriminativo. Então no caso deste operante se o estímulo discriminativo for a resposta verbal de outra pessoa “chuva”, a resposta ecóica vocal do falante será “chuva”. A resposta ecóica nunca é objetivamente idêntica pois há variabilidade comportamental intrínseca a toda resposta, mas há correspondência formal entre o estímulo e a resposta. Este operante frequentemente ocorre em contingências educacionais nas quais há necessidade de aprendizagem de uma nova resposta verbal, pois esta contingência permite a aquisição de novas respostas verbais sem o custoso procedimento de modelagem (podendo estar associada a ela no processo de ensino).

No operante *textual*, o estímulo verbal antecedente é um texto escrito. Há correspondência ponto a ponto entre o estímulo e a resposta vocal, mas ela é arbitrária (diferentemente do ecóico, no qual há correspondência formal), uma vez que não há semelhança formal entre o conjunto de letras escritas e as palavras proferidas sob controle destes símbolos. Como no comportamento ecoico, as respostas são mantidas por reforçadores generalizados.

Os operantes de *transcrição* são divididos em dois tipos: *cópia* e *ditado*. Na *cópia* a estimulação antecedente é advinda de estímulos verbais escritos e a resposta também é escrita (correspondência ponto a ponto, podendo ser formal ou não). No *ditado*, a estimulação antecedente é exercida por estímulos verbais auditivos, a resposta é escrita com correspondência arbitrária ponto a ponto (escreve-se de acordo ao que se ouve). No caso destes operantes verbais o reforço é condicionado generalizado.

Por último, no *intraverbal* o estímulo antecedente pode ser vocal ou escrito e a resposta também pode ser vocal ou escrita e não há nenhuma correspondência formal ou ponto a ponto entre os dois. Então a forma da resposta não é determinada pela forma da estimulação antecedente, é uma resposta verbal emitida sob controle de um estímulo verbal com o qual tem relação temática. Um exemplo simples seria se uma pessoa dissesse “batatinha quando nasce...” aguardando a resposta do interlocutor “esparrama pelo chão”. A relação entre o estímulo antecedente verbal e a resposta é determinada pelas práticas culturais às quais ambos os falantes e ouvintes foram submetidos ao longo de sua história de vida.

Apenas com os conceitos dos operantes verbais primários, muitas possibilidades interpretativas acerca do mundo se abrem. Ao voltarmos à noção de “revolução cognitiva” de Harari (2012/2018), podemos dizer que, em uma leitura comportamental, esta transformação no rumo da nossa espécie poderia ser chamada de “revolução verbal”, pois estes repertórios possibilitam um verdadeiro salto na forma através da qual podemos coordenar nossos comportamentos enquanto um grupo.

Um mando pode ser dado a um grupo de pessoas, e outro mando a outro grupo que permita uma ação sincronizada muito útil em atividades de caça ou dentro da própria organização social dos humanos. Os *tatos* permitem que o grupo fique sob controle de estímulos que podem ter controlado o comportamento verbal de uma só pessoa, mas cujos efeitos podem se alastrar por uma comunidade. Se uma pessoa disser que viu pegadas de um grande felino, todos que ficaram sob controle da resposta verbal do olheiro agora podem ficar mais vigilantes ou evitar sair andando pelas matas desarmados ou sozinhos.

Desdobramentos posteriores aos operantes primários permitiram aos homens refinarem e alterarem a forma de controle possibilitada pelo sistema de respostas verbais entre grupos de humanos. Os comportamentos verbais secundários evoluíram provavelmente enquanto um refinamento dos primários, como uma forma de exercer um controle adicional sobre o ouvinte (Skinner, 1986).

Skinner (1992) separou o estudo do repertório verbal em dois sistemas de respostas (1) primários e (2) secundários, um sobreposto ao outro. O sistema secundário (2) só pode ser entendido em relação ao primário (1). Isto

se dá, pois parte do comportamento verbal dos humanos pode se tornar variável de controle de outro comportamento (também verbal) do mesmo humano. Neste segundo sistema, Skinner (1992) analisa os comportamentos que chamou de autoclíticos.

Segundo Skinner, é dessa sobreposição de diferentes sistemas de respostas que surge a falsa noção de um *Self* interno, pois o sistema secundário é definido como repertório que guia ou, de certa forma, altera o primário, modulando o efeito da resposta verbal sobre o ouvinte. Esta sobreposição ocorre seja ele (o ouvinte que fica sob controle da resposta verbal modulada pelos operantes secundários) outra pessoa ou a própria que emitiu a resposta enquanto falante, pois a mesma pessoa pode ser falante e ouvinte de seu próprio comportamento verbal, ficando sob controle das respostas verbais emitidas ele próprio (Skinner, 1992).

Segundo Skinner (1986), o surgimento dos autoclíticos provavelmente se iniciou através de pequenas variações no tom de voz que indicavam a força de controle daquela resposta verbal. Um exemplo de um recurso autoclítico rudimentar poderia ser ilustrado ao destacarmos a diferença entre sussurrar “lobo” e gritar, “lobo!” em um local em que há possibilidade da presença deste animal. É plausível que o sussurro indique a necessidade de se fazer silêncio no momento e o grito pode indicar um certo grau de urgência, provavelmente de fuga, na situação. O surgimento deste recurso pode ter sido acidental, em uma situação na qual o tom de voz indicou a força de controle de forma involuntária e os integrantes da comunidade verbal que se tornaram sensíveis a estas variações tinham maior chance de responder de forma a aumentar as probabilidades de reforçamento.

A importância de aumentar as probabilidades de reforçamento pode ser ressaltada ao destacar que Skinner (1953/2003) cita repertórios sociais como sendo repertórios mantidos por reforço intermitente, ou seja, nem toda emissão da resposta obrigatoriamente gerará consequências reforçadoras. Considerando que o reforçamento de uma resposta verbal ou social é incerto, é importante entendermos que o controle da resposta verbal sobre o ouvinte, que é o mediador do reforço, depende de condições que controlam seu comportamento. Então, é de muita utilidade um repertório que altere uma resposta primária do falante de forma a produzir um maior número de fontes de controle sobre o ouvinte, ou uma fonte de controle mais precisa.

Não há uma única forma de prover fontes de controle adicionais à uma resposta verbal. Skinner (1992) descreveu tipos diversos de autoclíticos, cada um alterando o operante verbal primário de uma forma diferente. Os critérios de classificação dos autoclíticos são diferentes daqueles utilizados para os operantes primários (variáveis controladoras de estimulações antecedentes e consequente), isto provavelmente foi feito devido à própria natureza do sistema de respostas secundário que o torna compreensível apenas se o considerarmos em relação ao primário. Sendo assim, não é possível isolar uma resposta puramente autoclítica, pois esta resposta sempre depende de outra resposta verbal (primária) para modificar ou alterar e é definido desta forma.

Os autoclíticos distinguem-se pela forma através da qual eles alteram ou modificam a resposta primária. Isto pode ser feito através de descrições adicionais sobre as contingências do falante com o mundo, provendo qualificações adicionais ao operante primário, negando, afirmando, quantificando ou relacionando operantes verbais primários. Skinner (1992) descreve tipos de autoclíticos, que seriam diferentes formas de exercer a função autoclítica. Apesar de autoclíticos sempre alterarem o efeito da resposta verbal sobre o ouvinte, cada um o faz de uma maneira, como veremos a seguir.

Tipos de autoclíticos

Autoclítico descritivo

O autoclítico descritivo evidencia um aspecto das contingências nas quais o falante está inserido, seja indicando variáveis de controle da resposta, ou a própria força da resposta. Ele se diferencia do tato a medida que ele controla o ouvinte de forma a agir especificamente na emissão da resposta. Então se alguém diz que leu no jornal que João foi infectado pelo Covid-19 após juntar-se a um comício, há um efeito diferente sobre o ouvinte do que se uma pessoa diz que teve um sonho no qual João foi infectado pelo Covid-19 ao juntar-se a um comício. As duas frases são semelhantes, o que muda é o autoclítico descritivo que se refere à fonte de controle da resposta verbal (notícia ou sonho, respectivamente), que altera significativamente a reação do ouvinte na emissão da resposta.

Este repertório autoclítico pode também exercer sua função ao indicar o tipo de operante verbal que acompanha, como seria o caso quando se diz “vi tal coisa”. O “vi”, neste caso, indica que o operante primário desta frase possivelmente é um tato do comportamento de ver. Outro exemplo poderia ser “vou ter que pedir tal coisa”, aqui “vou ter que pedir” indica que o operante primário que segue é um mando, que é mais adequado e preciso (em termos

de produção do reforçador) do que dizer “tal coisa!”. Se a resposta fosse apenas esta, o ouvinte não teria como saber a priori (sem um treino prévio específico para aquele falante) se o falante leu “tal coisa” de forma eufórica, se o falante precisa de tal coisa, ou se ele está vendo esta “tal coisa”.

O autoclítico descritivo também pode ocorrer para descrever a força de controle da resposta verbal primária. Por exemplo, alguém poderia dizer que “suponho que irá chover” como também poderia dizer “estou certo de que irá chover”. A diferença entre estas duas respostas autoclíticas é a indicação da força da resposta que se segue “irá chover”. No primeiro, a força de controle das variáveis responsáveis por ela é descrita como fraca indicando uma possibilidade de chuva. No segundo, a força de controle é descrita com maior ênfase, indicando a inevitabilidade da chuva. Esta função é geralmente exercida por topografias como “estimo”, “suponho”, “certamente”, “possivelmente”, entre outras que indicam aquilo que poderíamos chamar cotidianamente de “certeza” e “incerteza” sobre o resto da fala. Segundo Skinner (1992), esses autoclíticos tornam o efeito sobre o ouvinte mais preciso, pois permitem que ele altere mais eficazmente sua ação.

Outro tipo de autoclítico descritivo pode descrever a relação da resposta primária com outra resposta verbal (podendo ser do ouvinte ou do próprio falante). São exemplos deste grupo de autoclíticos “ouvi dizer que...”, “Discordo desta afirmação, pois”, que indicam que o que virá a seguir está relacionado com outra resposta verbal.

Há possibilidade do autoclítico descritivo alterar as respostas primárias através da descrição da relação entre a resposta e outras circunstâncias nas quais o comportamento é emitido. Isso pode ser feito através da menção das variáveis emocionais ou motivacionais envolvidas no relato; são exemplos “sinto-me feliz em dizer”, “infelizmente, tenho que anunciar”, “pode ser o cansaço falando, mas”.

Há também autoclíticos descritivos negativos que qualificam ou negam a resposta que segue. Exemplos são dados por Skinner (1992) como “eu duvido” ou “eu nego”, que indicam referência a outra resposta. As formas negativas destes exemplos indicam que a resposta é forte independentemente de ser questionada por outros sujeitos, como “eu não duvido”, por exemplo; há casos em que a resposta autoclítica sugere que a resposta que se segue não é forte, mas sim exagerada, como “eu não chamaria de”.

Skinner (1992) também descreve autoclíticos descritivos que indicam que a resposta está sendo, ou será, emitida. Este tem função de anunciar a fala a fim de que o ouvinte fique sob o devido controle da resposta verbal que está por vir. São exemplos, entre outras: “eu gostaria de dizer”, “é o seguinte”, “é o que sempre digo”, “posso dizer?”. Existem formas de emitir este autoclítico que são adequadas em situações em que haja respeito, subordinação ou cuidado do falante com o ouvinte como “sem querer contradizer” ou “com todo respeito”, havendo também formas de declarar que a resposta será emitida com alguma antecipação da reação do ouvinte, como “você pode não concordar” ou “imagino que você concorde que”.

Também é possível, através de autoclíticos descritivos, declarar que a resposta é emitida por outros falantes e que o falante em questão concorda, como “como diria minha esposa”, “é o que minha professora sempre diz”. Há também um tipo que indica que o que será dito é funcionalmente equivalente ao que foi dito anteriormente, como “em suma”, “em outras palavras”. Autoclíticos descritivos também são utilizados para indicar subordinação de uma resposta verbal à outra, como “por exemplo”.

Os autoclíticos descritivos citados até aqui indicam algo sobre as relações de controle frente às quais o falante responde, seja entre ele e os estímulos ambientais não comportamentais (como objetos, ou aspectos do mundo), seja sobre as relações de controle de seu comportamento verbal sobre outro comportamento verbal. Porém os autoclíticos descritivos não dizem a respeito do falante necessariamente, como é o caso de advérbios e adjetivos (que modificam a complementação da resposta).

Há a possibilidade também de um autoclítico descritivo indicar a necessidade de alguma abstração por parte do ouvinte, por exemplo: “por assim dizer”, “vulgarmente falando”. É possível também indicar a fonte de controle intraverbal, que poderia ser exemplificada por: “sob a ótica da análise do comportamento” ou “se formos falar sobre políticas de inclusão”.

Skinner (1992) também descreve que funções autoclíticas podem ser exercidas por expressões faciais ou até mesmo pelo tom de voz do falante. Se um amigo olha para o outro e diz com um tom de voz ameno e sorriso relaxado “pare com isso”, essa resposta terá um efeito diferente do que se ele olhar seriamente ao seu amigo e dizer com tom de seriedade “pare com isso”.

Mandos sobre o ouvinte

Para além da função descritiva, autoclíticos podem exercer as funções do mando em algumas situações. Isto poderia ser exemplificado por uma circunstância na qual o falante está requisitando a atenção do ouvinte como “presta

atenção”, “olha aqui”, “veja”, ou em situações informais “se liga”. O mando não precisa necessariamente ser reforçado pela atenção do ouvinte, como evidenciado pelos seguintes exemplos: “pensa assim”, “saiba que”. Estes autoclíticos servem como um mando que pode salientar o controle comportamental do ouvinte por requisitarem uma resposta específica por parte do ouvinte em relação à complementação da resposta verbal do falante.

Uma outra possibilidade de um autoclítico exercendo função de mando citado por Skinner (1992) convida o ouvinte a reagir como se a frase fosse completa, apesar de ser emitida parcialmente, tendo como exemplo a expressão “vice-versa”. Outra ainda é adequada e utilizada em situações em que um raciocínio lógico deve ser seguido e que o restante da fala só é correto (ou reforçável) se considerarmos um ponto de partida específico, como “partindo do pressuposto que”, “considere que x é igual a 12”, estas respostas exercem a função de um mando que poderia ser traduzido como “o restante da fala depende destas condições e por consequência só pode ser dito se...”.

Estes autoclíticos que exercem função de mando, descritos por Skinner (1992), não necessariamente indicam um comportamento específico do ouvinte e podem ser utilizados de forma a direcionar as falas do ouvinte, por exemplo “não diga”, “é sério isso?” e “oh!”. Estes são considerados mandos, pois eles indicam ao ouvinte como proceder frente ao falante.

A pontuação também pode ser encaixada nesta classificação de autoclíticos à medida que especifica (função de mando) ao leitor à forma que deve ficar sob controle do restante da resposta verbal que também pode ser vocal. Um exemplo é uma pessoa que diz “ponto final” ao fim de uma frase ou alguém que quer citar a fala de outra pessoa e diz “abre aspas...fecha aspas”.

Autoclíticos qualificativos

Na obra de Skinner (1992), há também menção a autoclíticos que qualificam o tato de forma a alterar a intensidade ou a direção da resposta do ouvinte. Estes autoclíticos são chamados de qualificativos e podem ser separados em dois tipos: (1) asserção e (2) negação. O primeiro refere-se a variações de respostas afirmativas como “sim”, e do verbo “ser” enquanto o segundo se refere a variações do “não”, “nada”, “nunca” (Santos & Souza, 2017). Exemplos frente à fala “já está chovendo?” poderiam ser “é, realmente está chovendo” ou “não, aqui só chove no segundo semestre”.

Os autoclíticos qualificativos de asserção e negação são tratados por Skinner (1992) como tipos especiais de mando. No caso da asserção, o ouvinte é convidado a aceitar uma dada descrição do estado das coisas, ou do mundo ao redor do falante de forma a aumentar ou alterar a força de sua ação, por exemplo: “o computador está quebrado”, aqui temos asserção do estado do computador com um mando subjacente que diz algo como “não mexa no computador, você não será reforçado”.

Quanto à negação, o ouvinte é comandado a não se comportar frente ao restante da resposta como se fosse um simples tato. Por exemplo: “o bolo não está pronto”. Aqui temos a negação da finalização do preparo do bolo e a resposta diz algo parecido com “não se comporte como se o bolo estivesse pronto”. Aqui a resposta verbal indica que os operantes primários “bolo” e “pronto” não constituem um tato e que o ouvinte não deve se comportar da mesma forma que ele se comportaria se estivesse (Skinner, 1992).

A negação pode ser utilizada como um recurso que permita a diminuição da probabilidade de punição em uma dada situação, por exemplo “você não teria um cigarro, né?”. A comunidade verbal é menos inclinada a punir um mando amenizado (ou indireto) do que um mando rudimentar sem este recurso de negação, como “dá um cigarro, aí!”.

Existe um tipo de asserção que toma lugar frente a estímulos novos ou pouco usuais. Geralmente, quando é o caso, respondemos a alguma propriedade do estímulo por generalização e indicamos a estranheza do estímulo com “tipo de” ou “espécie de” preparando o ouvinte para um estímulo incomum. Um exemplo seria “a obsidiana é como se fosse uma espécie de vidro, devido a seu processo de formação” o elemento autoclítico “espécie de” indica que há semelhanças entre a obsidiana e o vidro cotidiano, mas não os coloca como idênticos.

Este tipo de recurso pode servir também para localizar o estímulo em questão em um *continuum* de um dado estado ou intensidade. Por exemplo, um local pode ser descrito como “muito escorregadio” ou “ligeiramente escorregadio”. Esses recursos verbais servem para preparar o ouvinte a se comportar frente a elas de forma que não precise passar pelo procedimento de modelagem para tal em situações nas quais a simples asserção pode ser imprecisa.

Pode haver também extensões metafóricas envolvidas no uso de autoclíticos qualificativos, como “o fulano é um touro” ou “fulana tem um sorriso brilhante como o sol”. Nessas frases, as propriedades de fulana/o não são literais, ou seja, as fontes que controlam as respostas verbais contêm alguma semelhança aos estímulos de controle originais destas palavras (touro = tamanho/força e sol = brilho), mas não têm função de descrever objetivamente o que é visto e sim de qualificar o tato a respeito daquela pessoa.

Existe outro tipo de autoclítico assertivo que toma lugar quando a correspondência com um estímulo apropriado é uma questão de sorte ou uma questão probabilística (“possivelmente”, “talvez”). Topografias, que poderiam cumprir a função de autoclíticos descritivos que indicam estado de força da resposta podem ser *utilizadas* para indicar a probabilidade do evento descrito: “provavelmente, certamente, talvez, indubitavelmente, verdadeiramente” (Skinner, 1992, p. 328), são frequentemente utilizadas com funções qualificativas e não descritivas (apesar de ser possível usar descritivamente). A distinção da função destas topografias pode ser feita ao verificar se o efeito sobre o ouvinte é obtido através do relato das inclinações do falante ou pelo relato das propriedades dos estímulos responsáveis por essas inclinações.

Na frase “eu certamente prefiro comer sushi” a palavra “certamente” exerce a função autoclítica descritiva, uma vez que ela indica a inclinação do falante a escolher sushi acima de qualquer outro tipo de comida. Já na frase “pelo jeito que o céu está, certamente choverá amanhã” o elemento autoclítico “certamente” está relacionado ao relato das propriedades dos estímulos que determina a posição do falante a respeito de uma situação na qual a probabilidade de chuva é o ponto em questão.

Autoclíticos quantitativos

Para além dos descritivos e qualificativos, Skinner (1992) também descreve os autoclíticos quantitativos, que indicam a extensão ou a abrangência do restante da frase. Por exemplo: “todos” e “nenhum” tendem a ser autoclíticos quantitativos. Eles se referem à extensão/abrangência da frase. Se eu falo que “todas essas flechas entram no alvo”, estou indicando a abrangência da aplicabilidade da minha fala, então a “penetração da flecha no alvo” é uma propriedade da contingência que é aplicável a todas as flechas referidas e isto foi indicado pelo autoclítico quantitativo que se refere a todas as flechas em questão. Esse autoclítico não requer uma especificação de quantidade, apesar de poder indicar tais especificidades, podendo ser utilizado em casos em que há apenas um objeto, como “pegue o arco”, nestes casos o autoclítico exerce sua função ao indicar que há apenas um arco e que o mando se refere a ele. Assim sendo “o”, “a” “os”, “as” são autoclíticos quantitativos, como também as palavras no plural e singular que adquirem funções autoclíticas.

Autoclíticos relacionais e manipulativos

Outra classificação de autoclíticos descrita por Skinner (1992) é a dos autoclíticos relacionais e manipulativos. Estes serão tratados de forma conjunta, uma vez que permitem uma compreensão de repertórios gramaticais e sintáticos, pois são constituintes de propriedades estruturais dos repertórios verbais (Santos & Souza, 2017). Esses autoclíticos formam a categoria que abrange “recursos verbais” ou gramaticais que por si não têm significado ou utilidade, em outros termos, esses elementos verbais não geram unidades verbais com significado quando emitidas sem acompanhamento de outros operantes verbais. No caso dos autoclíticos relacionais e manipulativos, as topografias utilizadas não são substantivos ou verbos e sim recursos verbais que relacionam diferentes elementos de uma unidade verbal.

Nesta categoria, podemos encontrar preposições (e. g.: com, de, em, para, sem, contra, desde, entre, perante, sob, sobre, por) conjunções (causais, concessivas, condicionais, conformativas, finais, proporcionais, temporais, comparativas, consecutivas e integrantes), artigos (definidos e indefinidos), inflexões (a modificação de uma palavra para expressar diferentes categorias gramaticais, tempos verbais, voz (ativa ou passiva), aspecto, pessoa, número, gênero e caso), concordância (verbal e nominal), pontuação e predicação, que Skinner (1992) descreve como a junção de um autoclítico de asserção com um autoclítico relacional.

Deve-se entender que em uma perspectiva behaviorista radical, as categorias da gramática comum ou tradicional servem como uma descrição topográfica, mas o “sentido” ou “significado” de uma palavra reside em suas variáveis de controle e seu efeito sobre o ouvinte ao longo do histórico de reforçamento da resposta verbal (Skinner, 1974). O significado da prática cultural de descrever uma palavra em um dicionário deve ser entendida a partir de sua história ao longo da evolução cultural (no sentido de mudanças sucessivas ininterruptas pautadas pela seleção por consequências).

Quando consideramos essas categorias gramaticais, vemos que sua função é relacionar algumas respostas verbais a outras. Um exemplo que contém preposições, uma conjunção e dois artigos seria: “Pega para mim o cabo de vassoura para que eu o conserte”. Vemos que o primeiro “para” exerce a função de relacionar o mando “pega” (mando) com “mim” (extensão do mando), de forma que indique que o cabo de vassoura deve ser entregue ao falante para que ele reforce a ação do ouvinte, o primeiro “o” é um artigo definido e denota que há apenas um cabo de vassoura pedido, enquanto que o “de” indica que o falante está pedindo especificamente o cabo de vassoura, e não outro cabo (como

um cabo de aço por exemplo), a conjunção final “para que” indica a consequência da ação do falante após o recebimento do objeto em questão, o último “o” indica que o que será consertado é o cabo de vassoura pedido.

Estes recursos gramaticais não descrevem um objeto ou uma ação, mas são palavras e expressões que auxiliam o falante a especificar aquilo que está dizendo, ou seja, especificar o efeito sobre o ouvinte. Nossa comunidade verbal é totalmente dependente deste recurso para o controle verbal do comportamento (verbal e não verbal).

Outros repertórios importantes abrangidos pelos autoclíticos relacionais são os de ordenação e agrupamento de respostas, que torna essas respostas secundárias onipresentes em unidades verbais (ou falas) que contenham mais de uma palavra, pois as palavras, sejam elas ditas (resposta vocal) ou escritas, obrigatoriamente acontecem em sucessão e em conjunto.

Parte do repertório de ordenação e agrupamento está sob controle de uma prática cultural milenar, que seria aquilo que chamamos de sintaxe. Dada esta prática, a ordem das palavras interfere no significado de uma dada unidade verbal, ou seja, a ordem interfere no efeito sobre o ouvinte que foi treinado a reforçar o falante sob controle do que é dito. Tomamos o exemplo: “regentes de guerra” e “guerra de regentes”, estas são duas unidades verbais que contêm exatamente as mesmas palavras (“regentes”, “de”, “guerra”), mas que, ao variar a ordem, tem seu significado modificado.

Apesar de onipresente, esse repertório está longe de ser trivial ou simples. Na maior parte das vezes, o falante deve ordenar e agrupar a sua unidade verbal de forma que aumente a probabilidade de ser reforçado pelo ouvinte, enquanto os estímulos que controlam a fala não oferecem alguma ordem específica.

Ao considerarmos autoclíticos relacionais, devemos salientar também aquilo que Skinner (1992) chama de “molduras autoclíticas” (em inglês: “*autoclitic frames*”), que são cadeias já condicionadas que permitem combinação com respostas apropriadas a situação, por exemplo “se ___ logo___” ou “o/a ___ e a/o ___”. Segundo Skinner, os aspectos relacionais da situação evocam a moldura e as especificidades da situação evocam as palavras que preenchem a moldura (Skinner, 1992).

Composição

A composição não é um tipo de autoclítico, mas merece um subtítulo pois é uma questão central para Skinner (1992) no tratamento do autoclítico, uma vez que ele a coloca como aspecto intrínseco ao autoclítico, citando-a ao longo dos capítulos 12 e 13 do livro *Comportamento Verbal* referentes ao autoclítico e destinando o capítulo 14 ao assunto.

A composição envolve uma resposta verbal que nunca foi emitida antes. Estudar o comportamento verbal sem considerá-la é supor que tudo que falamos foi previamente ensinado, o que não é fiel à realidade. Isso não quer dizer que a história de reforçamento da comunidade verbal não é importante, ela forneceu a base a partir da qual uma resposta nova será gerada. Uma nova resposta verbal, no caso da composição, possui componentes previamente ensinados e recombinações, sendo uma resposta nova emitida sem treino prévio específico. Sendo assim, a resposta nova não é liberta de determinações comportamentais históricas e contextuais (Skinner, 1992).

Um analista do comportamento, se deparado com uma audiência espiritualizada ou religiosa, terá que compor respostas novas e funcionalmente equivalentes a um jargão científico para falar de forma que seja reforçada pela comunidade em questão, caso estejam debatendo a respeito do comportamento humano, por exemplo. E é na composição (geração de comportamento verbal novo) que podemos testemunhar o comportamento autoclítico (Santos & Souza, 2017; Skinner, 1992, 1986).

Unidades verbais já estabelecidas, mesmo que contenham conjunções, preposições e outras palavras que não têm sentido quando emitidas de forma isolada, não são consideradas por Skinner (1992) como respostas autoclíticas, pois elas são emitidas “em blocos”. Um analista do comportamento que costuma dizer “sob a perspectiva da análise do comportamento, podemos ___” não está utilizando de seu repertório autoclítico, pois esta cadeia de respostas é funcionalmente unificada. Sendo assim, o repertório autoclítico só é utilizado quando há manipulação de operantes primários durante a composição (emergência de novas respostas através da recombinação de aprendizagens prévias) (Skinner, 1992).

O exemplo acima “sob a perspectiva da análise do comportamento” pode servir como autoclítico descritivo de um bloco maior de respostas, ao indicar a fonte de respostas intraverbais do restante da resposta. Porém, “sob”, “a”, “da” “do” não exercem função autoclítica a não ser que haja composição desta frase, pois fazem parte de uma unidade previamente treinada de respostas. Este é um dos aspectos relevantes da leitura skinneriana do comportamento verbal que diferencia uma análise funcional de uma mera análise sintática: é necessário conhecer o repertório de alguém para saber se esta pessoa está utilizando repertórios autoclíticos.

Sendo assim, a complexidade de nossas relações sociais faz com que o repertório de composição possivelmente seja uma forma de aumentar a probabilidade da resposta do falante ser reforçada, uma vez que, quando

composta, a unidade verbal tem chance de ser mais adequada para a situação presente do que um repertório previamente reforçado em outra situação. Isto ocorre pois o comportamento composto em um dado momento pode estar sob controle das variáveis relevantes para a resolução de um problema vigente, por exemplo, e controlar o ouvinte de forma específica para a situação.

Lembrando a importância para o comportamento verbal do comportamento do ouvinte, é possível considerar que de nada serve uma fala que fique sob controle de todas as variáveis relevantes para a solução de um problema se o falante não a emitir de uma forma que controle o ouvinte (por exemplo, um terapeuta que consegue identificar variáveis relevantes para o comportamento de uma criança, mas não consegue compor uma resposta que permita aos pais ficarem sob controle da fala de forma a modificar o ambiente da criança no dia a dia). Segundo Skinner, o comportamento autoclítico está relacionado com ações do ouvinte que dependem da relação entre o comportamento verbal do falante e os eventos do mundo (Skinner, 1992).

O repertório de composição não é simples devido à própria natureza do comportamento verbal vocal, que faz com que ele deva se enquadrar à dimensão temporal, no sentido que uma unidade verbal só pode ser compreendida quando uma palavra segue a outra com uma breve pausa entre uma e outra. Se a resposta for escrita, a dimensão na qual ela se enquadra é a espacial, na qual o agrupamento e a ordenação são realizados, no ocidente, em linhas horizontais da esquerda para a direita. Dentro de uma única dimensão, o falante tem que descrever cenas multidimensionais e apresentar argumentos complexos, utilizando autoclíticos manipulativos, sinalizações de digressões temporais e amarrar pontas soltas, etc. (Skinner, 1992).

Considerações finais

Os aspectos centrais na definição do comportamento autoclítico proposta por Skinner (1992) podem ser destacados: (1) alteram ou modificam o efeito dos operantes verbais primários sobre o ouvinte, (2) como toda resposta verbal, é reforçada pelo ouvinte, e (3) a manipulação do efeito de um operante primário ocorre em instâncias de composição (emissão de uma nova unidade verbal), na qual uma resposta que nunca foi emitida antes está sendo emitida. É importante lembrar que a composição não é a geração de uma resposta nova que simplesmente emergiu sem determinantes histórico-contextuais. Conforme análise de Skinner (1992), a emergência destas respostas novas decorre da recombinação de repertórios já adquiridos anteriormente (Santos & Souza, 2017; Skinner, 1992).

Destaca-se que a alteração do efeito do operante primário (primeiro aspecto da definição) é o determinante quando estamos tentando discriminar entre diferentes tipos de autoclíticos. A distinção entre um tipo de autoclítico e outro é a maneira por meio da qual ocorre a modificação do efeito do operante primário sobre o ouvinte. Se um autoclítico modifica a resposta ao descrever a força de controle da resposta primária, este pode ser considerado um autoclítico caso atenda ao terceiro aspecto da definição.

A partir do terceiro aspecto da definição, a interdependência do repertório autoclítico com a composição parece ser um critério necessário na compreensão desse comportamento. Quando não ocorre composição (emissão de uma resposta nova), ou seja, aquela resposta verbal já foi emitida e é presente no repertório do falante antes de sua emissão, estamos de frente a uma unidade verbal previamente ensinada, e mesmo que ela possua em sua constituição topografias que poderiam atender às funções autoclíticas (como preposições por exemplo), ela não é uma resposta autoclítica (Santos & Souza, 2017; Skinner, 1992, 1989).

A extensão com que o comportamento autoclítico afeta a relação entre falante e ouvinte e a diversidade de maneiras em que isto ocorre tornam fundamental sua compreensão, especialmente na perspectiva de Skinner de que a ciência estende as possibilidades de ação do homem sobre o mundo. Alguns autores (Dymond, et al., 2006; Sautter & LeBlanc, 2006) apontam que o autoclítico é um dos operantes verbais menos estudados entre os estudos que investigaram esses operantes. Recentemente, parece que o estudo do autoclítico começa ganhar maior atenção na comunidade de analistas do comportamento. Algumas revisões (Santos & Souza, 2021; Spatafora, 2022) que buscaram analisar pesquisas experimentais com o objetivo de investigar o autoclítico foram produzidas. Spatafora (2022) identificou estudos experimentais que investigaram autoclítico tanto como variável dependente quanto como variável independente e indicou que não é infrequente que a definição do autoclítico seja omitida ou, algumas vezes, imprecisas.

A partir das análises propostas, evidencia-se a necessidade de ampliação de investigações teóricas, básicas e aplicadas sobre o comportamento autoclítico tanto em relação ao esclarecimento do conceito, como sobre variáveis que favorecem a aquisição do autoclítico, como das formas de controle que permitem que ele altere os operantes primários.

Questões de Estudo

- 1- O que difere o comportamento verbal de qualquer outro comportamento operante não verbal?
- 2- Skinner (1992) separou o estudo do repertório verbal em dois sistemas de respostas. Quais?
- 3- Como é feita a distinção entre os diferentes operantes verbais primários? Identifique os elementos da tríplice contingência em cada operante verbal primário.
- 4- Como é feita a distinção entre os diferentes operantes verbais secundários? Em outras palavras: como se faz a distinção entre diferentes tipos de autoclíticos?
- 5- Defina o autoclítico descritivo.
- 6- O que diferencia o autoclítico descritivo do tato?
- 7- Quando um autoclítico exerce função de mando?
- 8- Segundo Skinner (1992), qual o motivo de um autoclítico qualificativo funcionar como um tipo especial de mando?
- 9- Dê exemplos de autoclíticos quantitativos.
- 10- É correto dizer que em toda unidade verbal na qual haja articulação de duas ou mais palavras há a presença do repertório autoclítico?
- 11- Exemplifique autoclíticos relacionais e manipulativos.
- 12- A gramática e as categorias gramaticais devem ser ignoradas por analistas do comportamento?
- 13- O que é composição para Skinner?
- 14- As conjunções, preposições, entre outras palavras com sentido relacional exercem função autoclítico quando presentes em uma unidade verbal previamente treinada, segundo Skinner (1992)?
- 15- Quais são os aspectos centrais da definição de autoclítico para Skinner (1992)?

Declaração de conflito de interesses

Os autores declaram que não há conflito de interesses relativos à publicação deste artigo.

Contribuição de cada autor

A contribuição de cada autor pode ser atribuída como se segue: Ambos os autores participaram de todas as etapas de elaboração do manuscrito submetido, sendo que o trabalho está baseado na dissertação de mestrado do primeiro autor elaborada sob orientação da segunda autora.

Direitos Autorais

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons 4.0 BY-NC.



Referências

- Dymond, S., O'Hara, D., Whelan, R., & O'Donovan, A. (2006). Citation Analysis of Skinner's Verbal Behavior: 1984-2004. *The Behavior Analyst, 29*(1), 75-88. <https://doi.org/10.1007/BF03392118>
- Harari, Y. N. (2018) *Sapiens: Uma breve história da humanidade*. L&PM Editores (Obra originalmente publicada em 2012).
- Moore, J. (2000) Words are not things. *The Analysis of Verbal Behavior, 17*, 143-160. <https://doi.org/10.1007/BF03392961>
- Santos, B. C. dos & Souza, C. B. (2017). Comportamento autoclítico: Características, classificações e implicações para a Análise Comportamental Aplicada. *Revista Brasileira De Terapia Comportamental E Cognitiva, 19*(4), 88-101. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v19i4.1096>
- Santos, B. C. & Souza, C. B. (2021). Comportamento autoclítico: Revisão sistemática de estudos experimentais. *Revista Brasileira De Terapia Comportamental E Cognitiva, 23*(1), 1-23. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v23i1.1465>
- Sautter, R. A. & LeBlanc, L. A. (2006). Empirical applications of Skinner's analysis of verbal behavior with humans. *The Analysis of Verbal Behavior, 22*, 35-48. <https://doi.org/10.1007/BF03393025>
- Skinner, B. F. (1974). *About behaviorism*. Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1986). The evolution of verbal behavior. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior, 45*, 115-122. <https://doi.org/10.1007/BF03393025>
- Skinner, B. F. (1987). *Upon further reflection*. Prentice Hall.

Skinner, B. F. (1992). *Verbal behavior*. Appleton-Century-Crofts. (original work published 1957)

Skinner (2003). *Ciência e comportamento humano*. Martins Fontes (Obra publicada originalmente em 1953).

Spatafora, G. (2022). Uma revisão bibliográfica dos estudos experimentais realizados sobre autoclíticos. (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.
<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/26545>

Submetido em: 31/03/2023

Aceito em: 12/06/2023